

FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM PARCERIA COM ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E A EDUCAÇÃO DE SURDOS

Autores:

Neuma Chaveiro¹
Juliana Guimarães Faria²
Leila dos Reis Pereira³
Elisângela Cristovam Neves⁴
Aline Silva Moreira⁵
Fred de Oliveira⁶
Gláucia Xavier dos Santos Paiva⁷
Leandro Andrade Fernandes⁸
Luatane Cardoso Nascimento⁹
Werley Lucas Martins¹⁰

Modalidade de trabalho: Comunicação Oral
GT: Didática, Práticas de Ensino e Estágio

Resumo:

Este trabalho é oriundo dos resultados parciais do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência da Faculdade de Letras/UFG, fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e desenvolvido no curso de Licenciatura em Letras: Libras. A maior parte das crianças surdas têm pais ouvintes, que não sabem a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e usam a língua portuguesa para interagir com os filhos surdos. Devido à perda auditiva, as crianças surdas conseguem adquirir apenas fragmentos da fala dos pais. Consequentemente, embora cheguem à escola com alguma linguagem, adquirida na interação com os pais ouvintes, não apresentam nenhuma língua constituída (PEREIRA, 2000). O reconhecimento de que a língua de sinais possibilita o desenvolvimento das pessoas surdas em todos os seus aspectos, somado à reivindicação das comunidades de surdos quanto ao direito de usar esta língua, tem levado, nos últimos anos, muitas instituições a adotarem um modelo bilíngue na educação dos alunos surdos. Desse modo, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) / Letras Libras tem como objetivo propiciar formação entre universidade e escola pública de educação básica, de forma a desenvolver ações significativas e transformadoras voltadas para a especificidade da educação de surdos, numa perspectiva bilíngue, associando a Libras e Língua Portuguesa. A metodologia de desenvolvimento tem uma abordagem qualitativa e de pesquisa-ação, priorizando a ação – reflexão – ação dos membros envolvidos. Dentre as ações executadas, destaca-se a realização de estudos e pesquisas no âmbito da formação e prática docente do licenciado em Letras: Libras, elaboração de materiais didáticos para educação bilíngue, formação continuada dos professores da escola parceira sobre a temática de educação bilíngue para surdos, intervenção junto aos alunos surdos e ouvintes do ensino fundamental para a valorização da Libras como

1 Professora da Universidade Federal de Goiás. Coordenadora de área do PIBID Letras/Libras/UFG – neumachaveiro@hotmail.com

2 Professora da Universidade Federal de Goiás. Coordenadora de área do PIBID Letras/Libras/UFG – julianagf@yahoo.com.br

3 Professora intérprete de Libras na Secretaria de Estado da Educação de Goiás (SEDUC). Supervisora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID - leilinhareis@hotmail.com

4 Secretária de Estado da Educação de Goiás (SEDUC). Supervisora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID - elisangela_cristovam08@hotmail.com

5 Aluna Bolsista do PIBID Letras/Libras – UFG - alinesilva.moreira2@gmail.com

6 Aluno Bolsista do PIBID Letras/Libras – UFG - derff@bol.com.br

7 Aluna Bolsista do PIBID Letras/Libras – UFG - glaucia.paiva2@gmail.com

8 Aluno Bolsista do PIBID Letras/Libras – UFG - leandroandrade.letras@gmail.com

9 Aluna Bolsista do PIBID Letras/Libras – UFG - luatanecardoso@gmail.com

10 Aluno Bolsista do PIBID Letras/Libras – UFG - werleylm@gmail.com

primeira língua. Identificou-se que tanto a escola quanto os professores em formação demonstraram uma parceria de trabalho de forma integrada e coletiva, com discussões e mudanças com relação ao aluno surdo dentro da escola.

Palavras-chave: Formação de professores, Educação de surdos, Libras e Pibid.

1. Introdução

A temática que norteia este estudo é a formação de professores para o ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) na perspectiva de educação bilíngüe, voltada especificamente para escola pública que oferece educação inclusiva e que tenham em seu público crianças surdas que utilizam a Libras como meio de comunicação e expressão. É desenvolvido junto ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), proporcionado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), vinculado ao Ministério da Educação (MEC) sob a condução do curso de Licenciatura em Letras-Libras da Faculdade de Letras (FL) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Em 2002, a Lei 10.436 reconhece e institui a Libras como meio oficial de expressão e comunicação originária da comunidade surda e determina que profissionais da área de educação devam ter nos seus cursos de formação conteúdos de ensino dessa língua. Essa Lei é regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005. O referido Decreto explicita mecanismos imperativos e ações públicas para a formação de profissionais para o ensino, interpretação e tradução da Libras, ações afirmativas para usuários da Libras e a sua expansão.

O Decreto 5.626 é uma conquista, oriunda de um contexto histórico-político e social de movimento pelos direitos humanos e direitos linguísticos, com debates, ações e lutas da comunidade surda, em âmbito nacional e internacional. Destacando, o Capítulo VI que se refere à garantia do direito à educação das pessoas surdas ou com deficiência auditiva. O Capítulo VI explicita:

Art. 22. As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de:

I - escolas e classes de educação bilíngüe, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngües, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

II - escolas bilíngües ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento,

[Digite texto]

cientes da singularidade lingüística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa.

§ 1º São denominadas escolas ou classes de educação bilíngüe aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo.

§ 2º Os alunos têm o direito à escolarização em um turno diferenciado ao do atendimento educacional especializado para o desenvolvimento de complementação curricular, com utilização de equipamentos e tecnologias de informação.

Art. 23. As instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais, bem como equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação.

§ 1º Deve ser proporcionado aos professores acesso à literatura e informações sobre a especificidade lingüística do aluno surdo.

§ 2º As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar aos alunos surdos ou com deficiência auditiva o acesso à comunicação, à informação e à educação.

O curso de Licenciatura em Letras-Libras da Faculdade de Letras da UFG tem a perspectiva de formação de professores que tenham como objeto a linguagem, cultura e a educação de surdos, visando contribuir com o que se dispõe no referido Decreto.

Neste sentido, o Pibid de Letras-Libras visa propiciar formação coletiva entre universidade e escola pública de educação básica, de forma a desenvolver ações significativas e transformadoras voltadas para a especificidade da educação de surdos, numa perspectiva bilíngüe, associando Língua Brasileira de Sinais – Libras e Língua Portuguesa. Ainda, visa analisar e refletir sobre os processos de ensino-aprendizado da Libras em contexto escolar.

Para o seu desenvolvimento, foi estabelecido parceira com uma escola pública estadual situada na cidade de Goiânia, que tem como público crianças surdas que cursam a primeira e segunda fases do ensino fundamental, aberta à perspectiva de educação bilíngüe. Tal parceria é vista como uma possibilidade de estabelecer uma via de mão dupla no qual a universidade pode contribuir com a escola, da mesma forma que a instituição de ensino por contribuir com a formação de novos professores. Como membros da investigação-ação, participam não só professores e alunos do curso de Licenciatura em Letras-Libras da Faculdade de Letras da UFG, mas professores da própria escola parceira, por meio de definições de ações e encaminhamentos da proposta do Pibid Letras-Libras dentro da escola.

A base metodológica que norteia o desenvolvimento do Pibid da Licenciatura em

[Digite texto]

Letras-Libras da Faculdade de Letras da UFG, está pautada na concepção de investigação-ação. Entende-se que a transformação da prática docente exige participação e debate dos professores e da compreensão da reconstrução social e política da educação. É o que consideram Lisita, Rosa e Lipovetsky, em que “a investigação-ação pode constituir-se em um meio pelo qual os professores podem reconstruir seu conhecimento profissional produzindo discursos públicos articulados à prática, aos seus problemas e às suas necessidades” (2001, p. 113).

Para o desenvolvimento desta proposta, utiliza-se a perspectiva de formação do professor com habilidades autônomas e reflexivas que minimizem o impacto das mudanças sociais no trabalho docente, com uma atitude mais reflexiva. Nessa visão, o professor é estimulado a desenvolver habilidades para questionar a própria prática com o espírito de investigação, “com uma atitude vigilante e indagativa, que os leve a tomar decisões sobre o que fazer e como fazer nas suas situações de ensino, marcadas pela urgência e pela incerteza” (ANDRÉ, 2001, p. 59).

Esse texto tem como objetivo apresentar os resultados parciais da investigação-ação desenvolvida dentro do Pibid do curso de Licenciatura em Letras-Libras durante o ano de 2012, ou seja, traz reflexões sobre o processo de ensino-aprendizado da Libras e da educação de surdos a partir da visão dos membros do Pibid não só da Licenciatura em Letras-Libras da Faculdade de Letras /UFG, mas também, a partir da visão dos professores da escola participantes do Programa. O texto está organizado de forma que apresenta a justificativa, objetivos, discussão teórica e resultados do estudo. O foco do texto se refere a dois aspectos, sendo o primeiro sobre as alterações percebidas na escola a partir do início do Pibid e reflexões sobre o ensino de Libras, tanto na forma de expressão visuo-gestual, quanto da escrita de sinais.

2. Justificativa e objetivos

As pessoas surdas comunicam-se de maneira peculiar e muitas usam a língua de sinais para se expressar. As línguas de sinais são de modalidade espaço-visual, pois o sistema de signos compartilhados é recebido pelos olhos e sua produção é realizada pelas mãos no espaço. São reconhecidas enquanto línguas pela Linguística, que lhes atribui o conceito de línguas naturais e não as considera como problema do indivíduo surdo ou como patologia da

[Digite texto]

linguagem (QUADROS; KARNOPP, 2004; CHAVEIRO *et al.*, 2008).

Há dois modos distintos para compreender a surdez. Um deles, conhecido como clínico-terapêutico ou oralista, no qual a surdez é vista como doença/déficit, adota como paradigma o trabalho de reabilitação oral para as pessoas surdas, com o objetivo de suprir ou sanar a falta de audição. Na concepção oralista as línguas faladas, como o Português ou o Inglês, possuem status elevado, enquanto a Língua de Sinais é tida como inferior e somente deve ser ensinada ao surdo adulto que não tenha sucesso no modelo oralista (SACKS, 1998).

A concepção oposta à filosofia oralista é a visão sócio-antropológica que utiliza o termo “surdo” para se referir a qualquer pessoa que não ouve, independente do grau da perda auditiva. Esta visão define surdez como diferença e as pessoas surdas como membros de uma comunidade minoritária, com características culturais e linguísticas próprias. Optar por esse paradigma significa portanto, reconhecer a língua de sinais como língua natural da comunidade surda e aceitá-la como forma legítima de aquisição e troca de conhecimentos da pessoa surda (GESSER, 2009; SACKS, 1998).

A surdez distingue-se de outras deficiências, não pela deficiência física propriamente dita, mas pela dificuldade de estabelecer comunicação entre pessoas: os problemas de comunicação, no cotidiano dos surdos, são uma condição permanente, que acarreta graves consequências no seu desenvolvimento social, emocional e cognitivo (LOPES; LEITE, 2011).

Contrariamente a uma ideia preconcebida, não existe uma língua de sinais utilizada e compreendida universalmente. As línguas sinalizadas diferem-se uma das outras e são consideradas como língua, oficialmente, em vários países. A linguística lhes atribui o conceito de língua natural, com estruturas gramaticais próprias. Legalmente, vários países a reconhecem como meio de comunicação e expressão dos surdos (CHAVEIRO *et al.*, 2010; QUADROS; KANOPP, 2004). Conforme já foi mencionado, no Brasil, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida pela Lei Federal nº 10.436/02 (BRASIL, 2005).

A língua utilizada pela população majoritária é a língua oral; no caso do Brasil, é a Língua Portuguesa, mas, para os surdos, a realidade é outra. Eles se comunicam pela língua de sinais, e assim são caracterizados como um grupo linguisticamente minoritário. A língua oral do seu país não se apresenta como um recurso que facilita seu intercâmbio com o mundo, mas como um obstáculo que precisa ser transposto para que o surdo se relacione socialmente de forma efetiva (MOURA, 2000).

A Língua de Sinais faz parte da cultura surda e é carregada de significação social. O uso de sinais pelos surdos ultrapassa os objetivos de uma simples comunicação, tendo em [Digite texto]

vista que se constitui no meio pelo qual expressam suas subjetividades e identidades (SKLIAR, 1998).

Pereira e Vieira (2009) argumentam que “o reconhecimento de que a língua de sinais possibilita o desenvolvimento das pessoas surdas em todos os seus aspectos, somado à reivindicação das comunidades de surdos quanto ao direito de usar esta língua, tem levado, nos últimos anos, muitas instituições a adotarem um modelo bilíngue na educação dos alunos surdos” (p. 65). Neste modelo, segundo as autoras, a Libras se torna arcabouço para o aprendizado da Língua Portuguesa, preferencialmente na modalidade escrita.

Considerar a Libras como a língua do Surdo significa que a escola trabalha os conteúdos escolares por meio da língua de sinais e que a modalidade escrita da Língua Portuguesa será ensinada a partir de habilidades cognitivas e interativas proporcionadas pela experiência trazida pela Libras (QUADROS, 1997). Assim, as duas línguas não se conflituam, mas se completam no processo ensino-aprendizagem de acesso à informação, conhecimento e interação sócio-cultural.

Entretanto, essa realidade de educação bilíngue ainda não é amplamente alcançada. O poder público e as escolas públicas estão nos primeiros passos rumo a essa proposta. Sendo necessário o desenvolvimento de políticas públicas que incentivem a educação bilíngue e a formação dos profissionais da educação. A justificativa do Pibid Letras-Libras da Licenciatura em Letras-Libras da Faculdade de Letras /UFG está justamente na valorização da Libras como meio de comunicação e expressão da comunidade surda e canal para acesso ao conhecimento desta comunidade.

Os objetivos do Pibid Letras-Libras, nessa perspectiva, é tanto no que se refere aos aspectos da ação didático-pedagógica dentro da escola, como nos aspectos da investigação. No que se refere à ação pedagógica, o objetivo é desenvolver práticas de ensino da Libras para crianças surdas e ouvintes, valorizando essa língua na comunidade escolar, por meio de momentos de formação continuada, envolvimento com a comunidade escolar e produção de material didático. Em relação aos aspectos da investigação, o objetivo é analisar e refletir sobre os processos vivenciados no ensino de Libras e a recepção da comunidade escolar em relação às ações pedagógicas desenvolvidas.

3. Desenvolvimento metodológico

[Digite texto]

O Pibid da Licenciatura em Letras-Libras da Faculdade de Letras /UFG tem uma perspectiva de investigação-ação com uma abordagem qualitativa. São características dessa abordagem a preocupação com a maneira pela qual os processos são conduzidos e as pessoas vêm a si mesmas. Além disso, nessa abordagem, é necessário manter contato direto com a situação a ser estudada, proporcionando a possibilidade de formular hipóteses, teorias e conceitos durante a pesquisa, a partir de uma gama enorme de dados descritivos gerados pelas técnicas de coleta de dados.

Bodgan e Biklen (1999) fazem alertas sobre o momento das fases iniciais da pesquisa, considerando a importância dos dados, inclusive para a definição da revisão da literatura e das análises.

Nas fases iniciais de um estudo não se pode saber qual a literatura a articular com os dados relevantes que venha a obter. Alguns investigadores qualitativos experientes aconselham os principiantes a não efectuar revisões substanciais de literatura antes da recolha de dados, mesmo que estejam certos da relevância da literatura. A revisão de literatura pode influenciar, demasiadamente, a recolha de temas e, assim, limitar a análise indutiva – uma vantagem importante da abordagem qualitativa (1999, p. 105).

Bodgan e Biklen (1999) acrescentam que os dados advindos de pesquisa com abordagem qualitativa são ricos em detalhes e são descritivos, se referindo a pessoas, conversas, ambientes e ações. De acordo com os autores “a abordagem à investigação não é feita com o objetivo de responder a questões prévias ou de testar hipóteses. Privilegiam, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação” (p. 16).

Para uma abordagem qualitativa de pesquisa, identificar a frequência dos comportamentos, não é o mais importante, e sim compreender os processos. Para os autores, a abordagem qualitativa de pesquisa tem cinco características:

1. Na investigação qualitativa, a fonte directa dos dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal;
2. A investigação qualitativa é descritiva;
3. Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos;
4. Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva;
5. O significado é de importância vital na abordagem qualitativa (BODGAN; BIKLEN, 1999, p. 47-50).

No campo dos processos educativos, suas características tem levado os pesquisadores a utilizar técnicas que preocupam-se mais com os significados e com o processo de desenvolvimento da pesquisa. O Pibid Letras-Libras da Faculdade de Letras/UFG, nesse contexto qualitativo, pauta-se nos pressupostos da investigação-ação para contribuir com a

[Digite texto]

formação do professor de Libras.

Franco (2005) mostra que desde os primórdios das discussões sobre pesquisa-ação, os valores que perpassam essa prática envolvem trabalho coletivo e reconhecimento dos aspectos culturais e étnicos dos que participam. De acordo com a autora, o surgimento da pesquisa-ação data de 1946 num contexto pós-guerra norte-americano e, portanto, momento de experimentar novas possibilidades. Descreve a autora que foi Kurt Lewin quem desenvolveu os primeiros estudos que, posteriormente, se caracterizou pela busca da transformação da prática educativa.

Pautava-se por um conjunto de valores como: a construção de relações democráticas; a participação dos sujeitos; o reconhecimento de direitos individuais, culturais e étnicos das minorias; a tolerância a opiniões divergentes; e ainda a consideração de que os sujeitos mudam mais facilmente quando impelidos por decisões grupais. Suas pesquisas caminhavam paralelamente a seus estudos sobre a dinâmica e o funcionamento dos grupos. Sua forma de trabalhar a pesquisa-ação teve grande desenvolvimento nas empresas em atividades ligadas ao desenvolvimento organizacional. Essa concepção inicial de pesquisa-ação dentro de uma abordagem experimental, de campo, adquire muitas feições fragmentadas durante a década de 1950 e modifica-se, estruturalmente, a partir da década de 1980 quando absorve a seus pressupostos a perspectiva dialética, a partir da incorporação dos fundamentos da teoria crítica de Habermas, e assume como finalidade a melhoria da prática educativa docente (FRANCO, 2005, p. 485).

O desenvolvimento de um trabalho nesta perspectiva, então, exige a participação ativa dos sujeitos, ou seja, vai além da aplicação de um experimento no lócus de pesquisa para posterior coleta de resultados. No caso no Pibid Letras-Libras da Faculdade de Letras/UFG, as ações vão além das aplicações de prática pedagógica e verificação de resultados, visto que envolvem os sujeitos do lócus de investigação. No nosso caso, conta com a participação de dois intérpretes-professores e a direção da escola, presentes no grupo de estudo e nas reuniões para definições das ações e encaminhamentos, num movimento constante de reflexão-ação sobre as práticas e seus resultados.

A participação dos sujeitos do lócus de investigação é considerado como um requisito essencial e faz com que a investigação-ação se desenvolva numa perspectiva crítica.

A pesquisa-ação crítica considera a voz do sujeito, sua perspectiva, seu sentido, mas não apenas para registro e posterior interpretação do pesquisador: a voz do sujeito fará parte da tessitura da metodologia da investigação. Nesse caso, a metodologia não se faz por meio das etapas de um método, mas se organiza pelas situações relevantes que emergem do processo (FRANCO, 2005, p. 486).

Nessa perspectiva, a proposta da Capes para o Pibid, de envolver a escola no desenvolvimento do programa, permite a proposição da metodologia da investigação-ação. Entretanto, vale destacar o que Franco (2005) alerta sobre o que é importante observar no desenvolvimento metodológico ora proposto. A autora alerta para os seguintes itens:

[Digite texto]

- a ação conjunta entre pesquisador-pesquisados;
- a realização da pesquisa em ambientes onde acontecem as próprias práticas;
- a organização de condições de autoformação e emancipação aos sujeitos da ação;
- a criação de compromissos com a formação e o desenvolvimento de procedimentos crítico-reflexivos sobre a realidade;
- o desenvolvimento de uma dinâmica coletiva que permita o estabelecimento de referências contínuas e evolutivas com o coletivo, no sentido de apreensão dos significados construídos e em construção;
- reflexões que atuem na perspectiva de superação das condições de opressão, alienação e de massacre da rotina;
- ressignificações coletivas das compreensões do grupo, articuladas com as condições sóciohistóricas;
- o desenvolvimento cultural dos sujeitos da ação. (FRANCO, 2005, p. 489).

Dentro desses requisitos, o Pibid Letras-Libras da Faculdade de Letras/UFG realizou as seguintes etapas em 2012: a) levantamento e observação da realidade; b) desenvolvimento de ações acordadas com a parceria da escola e considerando a realidade da comunidade escolar; c) reuniões de trabalho; d) ações de formação continuada, grupo de estudo, avaliação e planejamento para novos encaminhamentos. Esse ciclo continua em 2013, porém, esse texto apresenta os resultados parciais referentes ao ano de 2012. Os resultados são apresentados em quatro categorias que demonstram a reflexão sobre a prática de ensino de Libras e a repercussão na comunidade escolar.

5. Discussão dos resultados:

Ensino de Libras e percepção da escola

O Colégio Estadual Colemar Natal e Silva, recebeu o PIBID Letras/Libras/UFG, que visa contribuir para a formação inicial de professores e com a educação bilíngue (Libras e Português escrito). Objetiva-se com esta comunicação apresentar o impacto do desenvolvimento desse projeto na escola. A partir de uma metodologia qualitativa, no qual se observou o cotidiano da escola, entrevistaram-se alunos, professores e demais grupos, além dos relatos dos membros envolvidos, puderam ser identificados três focos de impacto, sendo: entre os educadores, discentes e a organização escolar. Os educadores se dispuseram a colaborar com o desenvolvimento das ações do programa na escola e compartilharam suas aulas com os bolsistas para o ensino da Libras, o qual contribuiu com uma melhor comunicação com seus alunos surdos. O impacto causado pela presença do programa na instituição despertou nos educadores a vontade de aprender a Libras para melhorar seu desempenho no exercício da docência. Nos discentes, de modo geral, o efeito causado foi

[Digite texto]

positivo, pois nos alunos ouvintes lhes foram proporcionada a oportunidade do aprendizado de uma nova língua, além da interação entre todos os discentes, surdos e ouvintes. Aos alunos surdos, que não tinham o domínio de Libras, foi oferecida a oportunidade de melhorar seus conhecimentos em sua primeira língua (L1). E os alunos surdos fluentes na Libras puderam aprofundar seus conhecimentos, possibilitando uma maior integração em meio à comunidade escolar. Além disso, foi trabalhado o ensino do Português na modalidade escrita na sala de AEE (Atendimento Educacional Especializado) e foi apresentada aos alunos surdos a escrita de sinais (*Elis*), o que foi de grande valia, já que estes ainda não a conheciam. No que se refere à organização escolar, houve um impacto de mudanças de postura frente aos alunos surdos, reorganização de horário e currículo da escola, incluindo a Libras como conteúdo escolar.

Ensino da Libras para adolescentes

A Língua Brasileira de Sinais – Libras - é uma língua de modalidade espaço viso-manual e tem características muito próprias que a diferem das línguas orais auditivas. Através do projeto Pibid-Letras/Libras nós graduandos do curso obtivemos a oportunidade de aliar a teoria à prática de ensino. Considera-se a Libras língua natural dos surdos e aprender esta língua não foi uma tarefa fácil para os adolescentes, alunos do Colégio Colemar Natal e Silva. Também não foi fácil para nós pibidianos desenvolver a atividade de ser professor em uma sala de ensino regular, no entanto esta experiência foi de suma importância para a nossa formação acadêmica. Enfrentamos dificuldades em promover aulas e atividades que atingissem a expectativa dos adolescentes. Para o ensino da Libras foram adotadas metodologias de ensino que cativassem os estudantes, aulas lúdicas, uso de dinâmicas etc. Sendo o objetivo desta prática de ensino obter o êxito dos alunos em noções básicas sobre a língua de sinais e a pessoa surda. Possibilitando assim, a comunicação entre ouvintes e surdos. Todavia, o esforço de nós pibidianos e dos alunos foi válido, pois os resultados que obtivemos compensou todo o esforço. Os alunos já conseguiram identificar alguns sinais e até mesmo frases. O ensino de Libras viabilizou o aprendizado tanto do docente como do discente.

Ensino de Libras: jogos e dinâmicas

Essa comunicação é parte de um projeto maior, vinculado ao Programa Institucional de Bolsa [Digite texto]

de Iniciação à Docência – PIBID Letras/Libras/UFG que está sendo desenvolvido no Colégio Estadual Colemar Natal e Silva desde o segundo semestre do ano de 2012. O objetivo foi incentivar o ensino e a prática da Libras dentro das salas de aulas de forma mais lúdica, com promoção da interação e comunicação entre os discentes, tornando-os mais ativos no processo ensino-aprendizado. A base teórica que fundamentou o trabalho foi Basso (2007), Quadros (2006) e Goldfeld (1997) que consideram o ensino da Libras na perspectiva comunicativista. Considera-se que os jogos e dinâmicas podem ser pedagógicos e educativos, dependendo da circunstância, visto que eles podem provocar nos alunos a abertura para o processo de ensino-aprendizagem. A metodologia de desenvolvimento do projeto foi de aulas de Libras por meio de jogos e dinâmicas. O público foi de alunos surdos e ouvintes em sala de aula mista. Todos os jogos, dinâmicas ou atividades foram registrados diariamente em relatórios. Identificou-se que os jogos lúdicos oferecem condições do educando vivenciar situações-problemas, a partir do desenvolvimento de jogos planejados e livres que permitiram ao aluno uma vivência no tocante às experiências com a lógica e o raciocínio. Além disso, o uso de jogos e dinâmicas favoreceram atividades físicas e mentais que contribuíram para a sociabilidade e estímulo das reações afetivas, cognitivas, sociais, morais, culturais e linguísticas. Percebeu-se que com as dinâmicas se mantém os reflexos ativos, com aprendizagem da Libras de forma espontânea e divertida.

Ensino da escrita de sinais – ELiS

O tema dessa comunicação é o relato de experiência do ensino da escrita da Língua Brasileira de Sinais desenvolvido no Colégio Estadual Colemar Natal e Silva como ação integrante do Pibid Letras: Libras da UFG. Até a década de setenta, acreditava-se que as línguas de sinais não poderiam ser registradas na modalidade escrita, ou seja, predominava a crença de que elas eram ágrafas. Contudo, essa concepção foi alterada graças à criação do SignWriting (STUMPF, 2008), uma técnica de escrita baseada em um sistema de notação dos passos de dança. Mais recentemente, foi criado o sistema de escrita das línguas de sinais denominado ELiS, que permite registrar os sinais que compõem as línguas espaço visuais de maneira alfabética e linear (BARROS, 2008). Partindo do pressuposto de que a escrita pode proporcionar ao aluno certa autonomia, foi desenvolvida uma oficina de ELiS com base na pesquisa-ação. O trabalho foi realizado com alunos os surdos da referida escola. O principal objetivo foi apresentar ao grupo de adolescentes surdos as noções básicas dessa técnica. A oficina possibilitou apresentar os quatro parâmetros utilizados pela ELiS com a utilização dos

[Digite texto]

sinais, a sequência lógica da escrita e seus visogramas (denominação dada aos símbolos gráficos da ELiS), por meio de atividades práticas, com dinâmicas que envolveram os alunos em um aprendizado ativo e colaborativo. Foi possível constatar a aprendizagem da ELiS pelos alunos, uma vez que conseguiram produzir a escrita de seus sinais-nomes e palavras, demonstraram interesse, receptividade e entusiasmo em descobrir a possibilidade de registro gráfico de sua própria língua. A partir deste resultado, outras oficinas de ensino de ELiS serão propostas.

Considerações Finais

Geralmente, em todos os ambientes e nas mais diversas ocasiões, toda situação que se configure novidade pode inicialmente, causar surpresa, estranheza, curiosidade, expectativa, certo desconforto e até gerar alguma desconfiança. E foram justamente estes os sentimentos que, conforme nossas percepções dominaram o clima escolar nos primeiros dias de nossa presença na escola campo.

Nós, os membros da equipe, também fomos tomados pelos mesmos sentimentos, acrescidos, porém de uma grande ansiedade, que fazia brotar em nós o desejo de vislumbrarmos resultados o mais breve possível. Obviamente, estes não integram as etapas iniciais de nenhum projeto que pretendamos empreender, aparecem justamente nas fases finais e controlar a ansiedade tornou-se nosso primeiro desafio.

Aos poucos fomos realizando as atividades previstas e pudemos notar mudanças por parte da comunidade escolar que deixava transparecer uma tímida confiança que brotava e se revelava com maior clareza cada vez que obtínhamos êxito no desenvolvimento de alguma tarefa.

O fortalecimento da relação entre nós pibidianos e o corpo docente, nosso grande aliado, parece ter se consolidado de fato, durante nossa participação no encontro pedagógico realizado no mês de outubro. Nossas ações ali foram estrategicamente planejadas de forma a causar impacto mostrando que se tratava de um grupo unido, consciente de seus objetivos e disposto a realizar um bom trabalho. A partir desse dia pudemos contar com a aceitação e o apoio dos professores em sua maioria e também com a participação dos alunos, principalmente os ouvintes, que demonstraram bastante interesse e empenho.

Os surdos em alguns momentos ainda se mostravam pouco à vontade com a nossa presença. Tal situação só se resolveu completamente no mês de dezembro quando foram realizadas atividades voltadas única e exclusivamente para eles. Durante duas semanas, a

[Digite texto]

equipe de apoio da escola, formada por professor de recursos, instrutores de Libras e intérpretes, desenvolveu uma programação especial composta por palestras, oficinas e gincanas relacionadas a assuntos ligados à surdez como, por exemplo: identidade e cultura surda, Libras, Escrita de Língua de Sinais (Elis) e Língua Portuguesa para surdos.

Referências bibliográficas

ANDRÉ, Marli. Pesquisa, formação e prática docente. In: ANDRÉ, Marli (org.). *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. Campinas, SP: Papirus, 2001.

BRASIL. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, 18 nov. 2011.

BRASIL. Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008. Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do art. 60 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto nº 6.253, de 13 de novembro de 2007. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, 18 set. 2008.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, 23 dez. 2005.

BODGAN, e BIKLEN. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Editora Porto, 1999.

CHAVEIRO, N. et al. Atendimento à pessoa surda que utiliza a língua de sinais, na perspectiva do profissional da saúde. *Cogitare Enferm.* v. 15, n. 4, p. 639-645, 2010.

CHAVEIRO, N.; BARBOSA, M.A.; PORTO, C.C. Revisão de Literatura sobre o atendimento ao paciente surdo pelos profissionais de saúde. *Rev. Esc. Enferm USP*, v. 42, n. 3, p. 578-583, 2008.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa-ação. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

[Digite texto]

GESSER, Audrei. *LIBRAS? Que língua é essa?:* crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GOLDFELD, M. *A criança surda:* linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.

LISITA, Verbena, ROSA, Dalva e LIPOVETSKY, Noêmia. Formação de professores e pesquisa: uma relação possível? In: ANDRÉ, Marli (org.). *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores.* Campinas, SP: Papirus, 2001.

LOPES, M. A. C.; LEITE, L. P. Concepções de surdez: a visão do surdo que se comunica em língua de sinais. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, v. 17, n. 2, ago. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.phpscript=sci_arttext&pid=S141365382011000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 jan. 2013.

MOURA, M.C. *O Surdo, Caminhos para uma Nova Identidade.* Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2000.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha & Maria Inês da Silva VIEIRA. Bilinguismo e Educação de Surdos. *Revista Intercâmbio*, volume XIX: 62-67, 2009. São Paulo: LAEL/PUC-SP.

QUADROS, R.M. *Educação de Surdos - a aquisição da linguagem.* Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M.; KANOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira. Estudos lingüísticos.* Porto Alegre: Artmed, 2004.

SACKS, O. *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos.* Trad. de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras; 1998.